

CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - EDITAL Nº 190/2022

RESPOSTAS AOS RECURSOS – 30/04/2023

Disciplina  Língua Portuguesa

Noções Básicas da Administração Pública

Conhecimento Específico

Cargo: Para os cargos sem Redação

Nº da Questão	Opção de Resposta por extenso	Parecer da Banca	Deferido ou Indeferido	Questão anulada ou Opção de Resposta correta
01	Resposta correta (B): “linguagem inclusiva” é uma expressão mais adequada.	<p>Para Maria Helena de Moura Neves, “linguagem inclusiva” é uma expressão mais adequada do que “linguagem neutra”, pois indica o objetivo de um movimento, que é “a inclusão social, sem discriminações, de todos os grupos da sociedade”. Além disso, segundo ela, mudanças no sistema da língua, como a inserção de termos “neutros” a favor do combate ao preconceito, ocorrem naturalmente, e não por insistência de um movimento social.</p> <p>Não é correto, portanto, afirmar que a professora defende que <i>o objetivo da “linguagem neutra” é discriminar um grupo social</i>, pois, embora se refira a uma parcela específica da população, não faz isso para discriminá-la, segregá-la, mas para incluí-la. Também não se pode dizer que ela defende que <i>a expressão “linguagem neutra” serve para indicar palavras de outra língua</i>, pois, além de indicar, na verdade, marcas de flexão de gênero que, embora ainda não estejam nos dicionários, são usadas amplamente (e, portanto, existem); as palavras a que essas marcas aderem existem na língua. Soma-se a isso o fato de o adjetivo “neutra” parecer se referir a uma linguagem ligada à “neutralidade” (por isso ela considera “equivocada”), e não à inclusão de uma parcela de pessoas que costumam ser discriminadas. É igualmente incorreto defender que, segundo a decana, <i>esse tipo de linguagem atrapalha o sistema linguístico</i>, pois, ao dizer que “Quando alguém usa, nas suas produções linguísticas, orais ou escritas, as marcas linguísticas que têm sido propostas com essa finalidade, ele está exercendo um papel social, marcado e importante, de condenação das discriminações”, a professora considera o fato de essa linguagem se ajustar ao sistema, então, não atrapalha o sistema. Está completamente incorreto afirmar que</p>	Indeferido.	

		<p>Maria Helena Neves defende que o uso da “<i>linguagem neutra</i>” é um equívoco de certos grupos, pois, ao contrário, ela afirma que o uso dessa linguagem é “extremamente louvável”. Segundo Maria Helena, o equívoco estaria no uso da expressão “<i>linguagem neutra</i>”, e não no uso da linguagem “<i>neutra</i>”, ou “<i>inclusiva</i>” em si.</p>		
04	Resposta correta (A): citação	<p>As aspas foram empregadas em ... <i>apesar de “louvável”</i> ... (Linhas 8-9) para delimitar palavra citada, textualmente, da fala da professora Maria Helena de Moura Neves, conforme comprova outra porção do texto: “<i>Considero um equívoco o uso desse termo ‘linguagem neutra’ para a proposta que ele representa. Na verdade, esse movimento visa a inclusão social, sem discriminações, de todos os grupos da sociedade, tratando-se, pois, da proposta de uma ‘linguagem inclusiva’, ou ‘língua inclusiva’, o que é extremamente louvável</i>”, diz Maria Helena. Em conformidade com a <i>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa</i> (AZEREDO, 2008, p.526), “as aspas (...) têm a função de delimitar expressões que o enunciador, embora incorporando ao seu discurso, queira caracterizar como de autoria alheia”. E é isso o que faz o jornalista ao incorporar ao seu discurso (Também segue atualizada em debates em torno da língua portuguesa, como no do uso da linguagem neutra, que entende não ser o termo apropriado, apesar de “louvável”) expressão citada pela professora Maria Helena de Moura Neves (“louvável”).</p> <p>As aspas não se prestam a indicar <i>paráfrase</i>, uma vez que não estão a propor retomada de ideia de um trecho anterior com outra palavra. Também não indicam <i>ironia</i>, pois a construção está sendo considerada em seu sentido próprio de louvação, e não em um sentido contrário ao mais saliente. Além disso, não marcam <i>interrupção</i>, tendo em vista que não indicam pausa de um pensamento. Por fim, não foram usadas para atestar <i>relatividade</i>, uma vez que se prestam a marcar um espaço semântico de valor absoluto, não relativo, de louvação ao debate em torno da proposta de inclusão social por meio da linguagem.</p>	Indeferido.	
06	Resposta correta (D): derivação regressiva	<p>Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (em <i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i>, 5.ed., Rio de Janeiro, Lexikon, 2008, p. 117), a “<i>derivação regressiva tem importância maior na criação de substantivos deverbais ou pós-verbais, formados pela junção de uma das vogais -o, -a ou -e ao radical do verbo</i>”. “Uso” é, portanto, formado por <i>derivação regressiva</i>.</p> <p>A formação do vocábulo “uso”, portanto, não se dá por <i>conversão</i>, ou derivação imprópria, isto é, por deslocamento de uma palavra que pertence a uma classe gramatical para um funcionamento próprio de outra, sem qualquer modificação em sua forma; nem por <i>parassíntese</i>, isto é, pela adjunção simultânea de prefixo e de sufixo a uma base; nem por <i>abreviação</i>, isto é, por encurtamento de palavra; nem por <i>composição por aglutinação</i>, isto é, por associação de dois termos, com a perda de algum material fônico.</p>	Indeferido.	

07	Resposta correta (E): um sinônimo de “muitíssimo”.	<p>“Extremamente” é um advérbio que significa “de modo extremo” (louvável de modo extremo, ao extremo) e, portanto, pode ser considerado sinônimo de “muitíssimo”, outro advérbio, nesse caso, no superlativo absoluto sintético, cuja significação é a mesma, a de indicar algum significado de modo bastante intensificado (muitíssimo louvável).</p> <p>Não é possível dizer, então, que “extremamente”, na expressão em que aparece, é um <i>hiperônimo de imensamente</i>, isto é, um nome de significado amplo que retoma outro, de significado mais restrito e que, portanto, não estaria relacionado a “imensamente”. Também não é <i>uma hipérbole de “muito”</i>, já que hipérbole é uma figura de linguagem e a palavra “extremamente” é usada, nesse caso, em seu sentido literal e não expressa a exageração da verdade de algo. Não se pode, da mesma maneira, dizer que é <i>uma metáfora de “bastante”</i>, pois, como já se explicou, a forma “extremamente” é usada em seu sentido literal, e não no sentido conotativo, ou como figura de linguagem (metáfora). Não se trata igualmente de <i>um superlativo de “extremo”</i>, que seria, na verdade, “extremíssimo”, ou “muito extremo”, ou ainda “o mais extremo entre todos”.</p>	Indeferido.	
09	Resposta correta (C): exemplificação	<p>Para defender a tese de que os sujeitos têm exercido um papel social marcado e importante de condenação às discriminações, a professora Maria Helena de Moura Neves alude, de <b>forma ilustrativa</b>, a marcas linguísticas usadas, conscientemente, pelos sujeitos no combate ao preconceito, conforme o que está sublinhado no enunciado da questão (<u>Quando alguém usa, nas suas produções linguísticas, orais ou escritas, as marcas linguísticas que têm sido propostas com essa finalidade</u>), sendo esse recurso argumentativo, pois, a <i>exemplificação</i>.</p> <p>Não se trata de argumento por <i>definição</i>, tendo em vista que a tese não se ancora em qualquer relação de equivalência estabelecida para conferir sentido a certo termo; nem de <i>contraste</i>, uma vez que a tese não se sustenta sobre ideias em oposição; nem de <i>comparação</i>, já que a tese não se baseia em qualquer espécie de confronto; tampouco de <i>enumeração</i>, pois não há referência a qualquer tipo de listagem para colaborar com o raciocínio argumentativo.</p>	Indeferido.	
10	Resposta correta (E): “Entretanto, não se pode supor <b>que</b> (...) algum falante de uma língua (...) terá sucesso...” (Linhas 22-26)	<p>O termo sublinhado em <i>... a paulista Maria Helena de Moura Neves, 91 anos recém-completados, viu <u>que</u> era ali a sua segunda casa</i> (Linha 2-4) pertence à classe gramatical das conjunções integrantes, a introduzir uma oração subordinada substantiva objetiva direta, sendo esse também o caso do que está destacado em “Entretanto, não se pode supor <b>que</b> (...) algum falante de uma língua (...) terá sucesso...” (Linha 22-26). Nessa frase, o “que” classifica-se como uma conjunção integrante a introduzir uma oração subordinada substantiva subjetiva.</p> <p>Já tanto em <i>Considero um equívoco o uso desse termo ‘linguagem neutra’ para a proposta <b>que</b> ele representa. (Linhas 10-12)</i>, quanto em <i>... o <b>que</b> é extremamente louvável, diz Maria Helena” (Linhas 15-16)</i> e em <i>Quando alguém usa, nas suas produções linguísticas, as marcas linguísticas <b>que</b> têm sido propostas... (Linhas 17-19)</i>, os termos em destaque correspondem, do ponto de</p>	Indeferido.	

		vista da abordagem normativa, a um pronome relativo, introdutor de oração subordinada adjetiva restritiva. Por sua vez, em ... <i>como o uso da linguagem neutra, <b>que</b> entende não ser o termo apropriado...</i> (Linhas 7-8), o termo em destaque é também um pronome relativo, mas, nesse caso, introdutor de oração subordinada adjetiva explicativa.		
11	Resposta correta (B): argumentativo com apoio em argumento de natureza narrativa	<p>O excerto em questão apresenta uma <i>estrutura argumentativa apoiada em argumento de natureza narrativa</i>. Como se comprova no texto em tela, sua finalidade é a defesa da tese de que aquilo que todos queremos é “anular o tempo e fazer adormecer a morte”, apoiada em trecho de um conto que trata, justamente, de relatar uma história em que se conta sobre o correspondente pedido de uma mulher: “Num conto que nunca cheguei a publicar acontece o seguinte: uma mulher, em fase terminal de doença, pede ao marido que lhe conte uma história para apaziguar as insuportáveis dores. Mal ele inicia a narração, ela o faz parar...”.</p> <p>Embora a narração, usada como argumento para sustentar a tese do texto, seja de natureza <i>ficcional</i>, isto é, fruto de criação imaginária do autor, não se trata de texto com apoio em <i>estrutura, predominantemente, dialógica</i>, isto é, em forma de diálogo; não se trata, também, de ser texto <i>narrativo com apoio em fatos de natureza argumentativa</i>, uma vez que não se objetiva, de forma predominante, relatar ações de personagens em uma relação de causalidade com base em relações argumentativas, mas, justamente, o contrário; soma-se a isso a ideia de que “fatos” têm caráter narrativo, e não argumentativo. Além disso, apesar de se constatar a presença, no texto, do relato de voz alheia, não se trata de texto <i>descritivo com apoio em ditos relatados</i>, uma vez que, como já mencionado, há predominância do argumentativo, sendo a descrição usada como argumento para sustentá-lo, assim como a evocação da fala de terceiros. Por fim, não se trata de texto organizado em versos, mas em prosa, embora o vigor poético da escrita de Mia Couto pareça incontestável.</p>		
12	Resposta correta (C): catafórico e antecipa uma oração complexa equivalente a esse termo	<p>A expressão “o seguinte” é um termo catafórico porque aponta para uma informação que será dada depois – no caso, “uma mulher, em fase terminal de doença, pede ao marido que lhe conte uma história para apaziguar as insuportáveis dores”, uma oração complexa (com um objeto direto e um adjunto adverbial em forma de oração) equivalente a esse termo, isto é, o termo e a oração complexa são intercambiáveis quanto àquilo a que se referem.</p> <p>Não é possível considerar que o termo é <i>anáforico e recupera o sujeito elíptico da oração de que participa</i>, justamente porque ele aponta para uma informação posterior, e não anterior, como ocorre na anáfora, além de não retomar o sujeito elíptico “eu”, da oração a que pertence. Também não é um <i>conector e une a primeira e a segunda orações do período</i>, pois, embora esteja no limite entre duas parcelas do período, elas não correspondem à primeira e à segunda orações do período, além do fato de que um conector iniciaria um termo, e não encerraria outro. Não é um</p>	Indeferido.	

		<p>termo <i>referencial e age na alternância de tema</i>, pois, ainda que seja referencial endofórico, atuando entre parcelas do texto, o tema do fragmento é único – o conto a que se refere o enunciador –, não havendo, portanto, alternância. Da mesma maneira, não é um termo <i>pragmático e atua na interpelação do leitor</i>, pois não se trata de um termo empregado com essa finalidade, fazendo referência a um sujeito externo ao texto, atuante naquela comunicação.</p>		
13	Resposta correta (D): como advérbio e pronome indefinido respectivamente	<p>Na frase “Que eu preciso tanto de não compreender nada!”, a palavra “tanto”, que modifica o verbo “precisar”, deve ser classificada como <i>advérbio</i>, pois o advérbio atua sobre o verbo, sobre outro advérbio ou sobre um adjetivo, na função de adjunto adverbial. Já a palavra “nada”, referindo-se à “coisa nenhuma”, nessa frase, deve ser classificada como <i>pronome indefinido</i>, pois expressa algo vago, indeterminado. Além disso, ela está ocupando um sintagma nominal na função de objeto direto, completando o sentido do verbo “compreender”.</p> <p>Não é possível afirmar que, nessa frase, atuam <i>ambas como pronomes indefinidos</i>, porque a palavra “tanto” não está relacionada a um nome – o que a faria ser classificada como tal –; nem <i>ambas como advérbios</i>, porque “nada” substitui um substantivo – o que se prova com o fato de ter função de objeto direto –, não se relacionando como termo adjunto de um verbo, advérbio ou adjetivo; nem <i>ambas como adjetivos</i>, porque não se trata de termos adjuntos a nomes, que teriam o papel de qualificá-los. Também não é possível afirmar que essas palavras devem ser classificadas <i>como adjetivo e advérbio</i>, respectivamente, por “tanto” modificar um verbo, e não um nome, além de “nada”, como dito anteriormente, não ter o papel de modificar verbo, advérbio ou adjetivo.</p>	Indeferido.	
15	Resposta correta (B): é proparoxítona e tem, na sílaba tônica, a vogal “i”.	<p>Segundo o Novo Acordo Ortográfico vigente, recebem acento agudo “As palavras proparoxítonas que apresentam na sílaba tônica/tônica as vogais abertas grafadas a, e, o e ainda i, u ou ditongo oral começado por vogal aberta: árabe, cáustico, Cleópatra, esquálido, exército, hidráulico, líquido, míope, músico, plástico, prosélito, público, rústico, tétrico, último”. Sendo “sabíamos” uma proparoxítona cuja sílaba tônica “bí” apresenta “i”, ela deve ser acentuada.</p> <p>Não se pode afirmar que recebe o acento gráfico porque <i>a sílaba tônica formada com ditongo em proparoxítona deve ser acentuada</i>, já que não há ditongo na palavra, mas um hiato; nem porque <i>todo ditongo nasal deve ser acentuado</i>, pelo mesmo motivo, mas também porque não há uma regra como essa no Acordo. Não se pode dizer que o acento é colocado na palavra porque ela é <i>paroxítona terminada em –s</i>, por ela não ser paroxítona. Também não é porque <i>deve ser acentuado o “i” do hiato</i>, pois o “i” de “sabíamos” precede a outra vogal e a regra diz que “As vogais tónicas/tônicas grafadas i e u das palavras oxítonas e paroxítonas não levam acento agudo</p>	Indeferido.	

		quando, antecedidas de vogal com que não formam ditongo, constituem sílaba com a consoante seguinte”, ou seja, a regra para o hiato formado com “i” não diz respeito às proparoxítonas e, além disso, o “i” do hiato		
17	Resposta correta (E): “... qualquer que seja o continente, qualquer que seja a nação, a língua ou o gênero literário.” (Linhas 33-34)	<p>Para garantir o encadeamento das ideias, reconhece-se o emprego da gradação no trecho “... <i>qualquer que seja o continente, qualquer que seja a nação, a língua ou o gênero literário.</i>” (Linhas 33-34), uma vez que se verifica, pelo fio do discurso, a presença das várias etapas estabelecidas, de modo paulatino, entre as palavras aproximadas semanticamente. A relação com o mundo informe e caótico, à qual o enunciador se refere, faz mover a escrita. Os espaços para tal movimento são denotados, paulatinamente, pelas quatro palavras empregadas no texto: “continente”, “nação”, “língua” e “gênero”.</p> <p>No trecho “<i>Na nossa infância, todos nós experimentamos este primeiro idioma, o idioma do caos...</i>”, não se verifica o emprego de sequência gradativa, mas apenas caracterização mais precisa do termo enunciado “idioma” (pela locução adjetiva “do caos”) na garantia do encadeamento das ideias; também em “<i>Uma língua que não exista. Que eu preciso tanto de não compreender nada!</i>”, o que há é o estabelecimento de uma relação explicativa entre as partes: a personagem deseja “uma língua que não exista” porque ela precisa “tanto de não compreender nada!”, sem que se verifique gradação das ideias com apoio em palavras e expressões sucessivas; já em “<i>Começa por balbuciar umas palavras estranhas e sente-se ridículo...</i>”, para o encadeamento entre as partes, estabelece-se uma relação de causa (“Começa por balbuciar umas palavras estranhas”) e efeito (“sente-se ridículo”) sem que isso denote uma sequência gradativa de palavras ou expressões; por fim, em “<i>... repara que a mulher está adormecida, e mora em seu rosto o mais tranquilo sorriso</i>”, flagra-se uma relação de adição entre as partes (“... a mulher está adormecida” e “mora em seu rosto o mais tranquilo sorriso”) sem que isso implique uma sequência de etapas gradativas.</p>	Indeferido.	
18	Resposta correta (C): “Quando <b>se</b> detém, repara que a mulher está adormecida...”	<p>O “se”, em destaque nos trechos “<i>Quando <b>se</b> detém, repara que a mulher está adormecida...</i>” e “<i>O marido <b>se</b> interroga...</i>”, exerce a mesma função, qual seja a de pronome reflexivo, pois indica a mesma 3ª pessoa do discurso que atua como sujeito da oração, isto é, o sujeito age e é alvo da ação.</p> <p>Por seu turno, em “<i>... tratando-<b>se</b>, pois, da proposta de uma ‘linguagem inclusiva’</i>”, o “se” destacado funciona como índice de indeterminação do sujeito. Já em “<i>... toda e qualquer língua <b>se</b> rege por um sistema...</i>”, o vocábulo “se” tem a função de partícula apassivadora. Nos últimos trechos: “<i>E ele já não sabe <b>se</b> fala...</i>” e “<b>Se</b> recuperarmos historicamente as alterações de</p>	Indeferido.	

		sistemas linguísticos...”, observa-se que o “se” funciona como conjunção, sendo a primeira integrante e a segunda subordinativa condicional.		
19	Resposta correta (B): <u>Também</u> segue atualizada em debates em torno da língua portuguesa...	O valor semântico do conector “também”, no trecho focalizado, é o de adição, o que pode ser explicitado, perfeitamente, pela conexão entre as orações “Até hoje exerce a função de ensinar” e (até hoje) “... segue atualizada em debates em torno da língua portuguesa”. Os demais conectores expressam valor semântico de temporalidade, em correspondência, por exemplo, a “tão logo”, “assim que”, como em: <i>Mal/Tão logo ele inicia a narração...; Quando/Tão logo se detém, repara que a mulher está adormecida...; Desde que/Assim que pisou em uma sala de aula como professora...; As mudanças (...) fizeram-se a partir do/tão logo (se deu o) uso natural da língua por uma comunidade.</i>	Indeferido.	
20	Resposta correta (D): “logia”, como segundo elemento da composição, cujo sentido remete à ciência	Segundo Cunha e Cintra (1985, p.110), o radical grego “logia” funciona, preferentemente, como segundo elemento da <b>composição</b> , assumindo como um dos sentidos a ideia de “ciência”, sendo o caso do que figura no neologismo “caosmologia”, criado por James Joyce: ciência do caos.  Por sua vez, não é correto afirmar que “caosmo” corresponde a um <i>pseudoprefixo cujo sentido remete à origem</i> , pois não se trata de um radical que tenha assumido, conforme Cunha e Cintra (1985, p.111), o sentido global do vocábulo de que antes era elemento componente. Ainda vale acrescentar que “caosmo” remete, no contexto dado, à ideia de caótico. Também não é correto afirmar que o sentido de “caos” refere-se <i>a mundo</i> , pois designa, no âmbito contextual em tela, desordem, balbúrdia. Além disso, é incorreto afirmar que “logia” é <i>segundo termo da derivação</i> , uma vez que é parte de uma composição, outro processo de formação de palavras, como também associar seu sentido à loucura, tendo em vista que, no contexto em tela, significa ciência. Por fim, embora “caos” remeta <i>à bagunça</i> , trata-se do primeiro elemento de uma <b>composição</b> , e não de uma derivação.	Indeferido.	